

ARQUIVOS PESSOAIS, TIPOS DOCUMENTAIS E OS REGISTROS DAS FORMAS DE VIVER EM SOCIEDADE

CAMILLA CAMPOI DE SOBRAL

INTRODUÇÃO

Apesar de não ocuparem um lugar privilegiado na elaboração de políticas arquivísticas, os arquivos pessoais têm sido mais recentemente objeto de estudo, em particular, na formulação de abordagens que contemplem a potencialização que esses conjuntos documentais representam e a sua especial relevância como registros de uma vida privada e da construção de uma memória coletiva.

Produzidos no cotidiano da vida de um indivíduo, inserido em um contexto de uma época específica, os arquivos pessoais evidenciam a necessidade da instrumentalização para remontar os contextos de um tempo e assim alcançar uma época e seus costumes cotidianos. Para isso é necessário analisá-los de forma mais atenta. Essa compreensão é especialmente eficaz, à medida que reconhece o contexto arquivístico como inserido em uma conjuntura social.

A partir da elaboração de uma teoria que contemple os arquivos pessoais, iremos concentrar-nos na importância dos contextos que envolvem o momento da produção documental, e em como o estudo apurado destes contextos instrumentaliza a pesquisa em arquivos pessoais de maneira ímpar, ao garantir um olhar mais específico sobre o documento e suas relações na produção do arquivo.

Apresentaremos algumas reflexões decorrentes do desenvolvimento do projeto de pesquisa *Tipologia documental na família Barbosa de Oliveira*, situado no escopo do Grupo de Pesquisa *Patrimônio Documental, Informação e Acesso*¹, que inclui a tipologia documental como dispositivo de acesso e difusão. A pesquisa considera a tipologia documental como método de abordagem dos arquivos, visando contribuir para a descrição arquivística e, consequentemente, ampliar o uso dos arquivos.

Assim, o projeto em andamento promove o estudo tipológico em arquivos pessoais com o intuito de aprofundar o conhecimento das ações e atividades que dão origem ao documento em si, utilizando esse método no âmbito dos arquivos produzidos na intimidade da vida pessoal.

Como campo empírico, utilizaremos a Coleção Família Barbosa de Oliveira (CFBO) que foi doada para a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), em 1993, pela família de Américo Lourenço Jacobina Lacombe. Lacombe foi o responsável pela reunião de documentos valiosíssimos. A coleção retrata em seus documentos um modo de viver e de se relacionar por mais de dois séculos, cobrindo o período de 1778 a 1965. O recorte utilizado neste projeto restringe-se à documentação dos séculos XVIII e XIX.²

Nesse artigo adotaremos o entendimento proposto por Oliveira sobre os arquivos pessoais: “um conjunto de documentos produzidos ou recebidos, e mantidos por uma

¹ Grupo de Pesquisa coordenado pela pesquisadora Dra. Lucia Maria Velloso de Oliveira na Fundação Casa de Rui Barbosa, no qual participo como bolsista de iniciação científica desde outubro de 2014.

² Escopo do projeto de pesquisa “Tipologia documental na família Barbosa de Oliveira”.

pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social” (Oliveira, 2012, p.33).

A perspectiva desse artigo reconhece a importância dos contextos de produção documental e chama a atenção para a instrumentalização que os manuais de civilidade e o referencial histórico e social indicam para o desenvolvimento de análises sobre padrões de comportamento e normas de conduta no período estudado. Essas análises são fundamentais para o processo de identificação das tipologias documentais.

A IMPORTÂNCIA DOS CONTEXTOS

O processo de produção de arquivos pessoais não se insere em um contexto de normas ou padrões, seus documentos traduzem códigos ou referências do momento histórico e do meio social em que estão inseridos. Esses códigos e sinais são relevantes para a compreensão do arquivo e dos personagens que redigem, recebem ou são mencionados nos documentos. As características dos documentos em seu suporte e sua estrutura reproduzem o cotidiano de uma época, sua etiqueta e as regras de convivência social.³

Produzidos no ambiente da intimidade, os arquivos pessoais têm como elementos reguladores, que estabelecem parâmetros para as produções documentais, as convenções sociais vigentes em um determinado período histórico e os grupos no qual o produtor está inserido. A inserção em determinados grupos de convívio e a adoção de determinados protocolos de conduta indicam o pertencimento ou não a um segmento social ou a uma determinada camada da pirâmide social.

Thomassen afirma que a informação contextual possibilita a correta interpretação da informação arquivística:

O contexto *sócio-político, cultural e econômico*, finalmente, é tudo aquilo que influencia os fatores *ambientais*, determinando diretamente o conteúdo, forma e estrutura dos documentos arquivísticos. Arquivos não podem ser interpretados corretamente sem informação relacionada aos seus contextos. Informação contextual deve, portanto, ser incluída no sistema de informação do qual os arquivos formam parte. (Thomassen, 2006, p. 11)

Para Oliveira (2012, p. 33), os arquivos pessoais expressam a vida de seu titular, suas redes de relacionamentos pessoais ou profissionais. São também representações do seu íntimo e suas emoções. Em um sentido amplo esses registros representam seu papel na sociedade.

A partir de uma reflexão sobre a constituição dos arquivos pessoais, Catherine Hobbs explicita as múltiplas facetas e o caráter íntimo da produção documental no âmbito privado:

Os arquivos pessoais refletem não somente o que as pessoas fazem ou pensam, mas quem são, como vêem e experimentam suas vidas. Um indivíduo cria seu arquivo para atender suas necessidades ou predileções ou personalidade, e não porque alguma lei, estatuto, regulamento ou política corporativa disse que deveria criá-lo. É claro que existem exceções como formulários de imposto de renda e assim por diante, mas esses documentos refletem a persona pública do indivíduo e suas ações oficiais, não sua alma ou personalidade. (Hobbs *apud* Oliveira, 2012, p. 35)

³ *Idem.*

Por estar intimamente atrelada ao cotidiano da vida de um indivíduo, a produção documental privada expressa em sua estrutura e protocolos o modo de viver de uma época, evidenciando a necessidade de compreensão para além das lacunas de um tempo que já passou.

Considerando o recorte temporal do nosso universo empírico, os séculos XVII e XIX, e algumas características direcionais da *Coleção Família Barbosa de Oliveira*, como inserções de grupos e classes, foi pensada uma orientação teórica que nos fornecesse instrumentos possíveis para capturar informações e relações de um contexto que envolve uma “*estraneidade*” do tempo e das sensibilidades de uma época.

Dentro da história cultural, a história das sensibilidades tem se empenhado em resgatar essas práticas culturais do sensível, através de *marcas deixadas* nos materiais de arquivo, nas artes e na literatura. O objeto que se coloca nessa abordagem são as sensibilidades de um outro tempo, o modo de agir e sentir, o que exige do pesquisador a tradução de emoções, sentimentos e valores que não são mais os nossos.

Segundo Pesavento, pensar nas sensibilidades significa um esforço em prol das percepções de um outro tempo que se configura através do signo da alteridade:

Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna, do vazio, do silêncio. (Pesavento, 2003, p. 21)

Recuperar sensibilidades não é apenas voltar-se para o estudo do indivíduo e das trajetórias de vida, mas também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar ou esconder relações e sentimentos.

A história das sensibilidades oferece um fecundo aporte teórico ao nosso estudo sobre o contexto que envolve a gênese da produção documental. O momento da produção documental engloba não apenas o indivíduo, a forma e a estrutura em que é explícita a atividade geradora do documento, mas também está permeado por um contexto arquivístico imbricado com um contexto social que age diretamente sobre o indivíduo. A abordagem proposta não supõe “o estudo do homem no tempo”, mas o estudo das formas de registro produzidos por um indivíduo para instrumentalizar a sua existência na sociedade.

Assim, os registros pessoais entrelaçam contextos que se encaixam como peças de um cenário que compõem a intimidade, exigindo do arquivista uma “reeducação do olhar”, ao identificar conexões contextuais que são fortemente marcadas pelos códigos e signos de uma época.

Nosso entendimento de “reeducação do olhar” indica a necessidade de identificação nos arquivos pessoais de uma interlocução entre contextos e produtor para além das subjetividades e por meio da alteridade.

A instrumentalização encontrada para contemplar o nosso universo empírico foi o uso dos códigos sociais e dos manuais de civilidade que, durante o século XIX, vigoraram como reguladores dos protocolos da sociedade.

Os manuais de civilidade representaram uma literatura que estabelecia padrões e normas de comportamento considerados modelo de civilidade de um determinado grupo

social. Esses manuais adentraram a capital do Rio de Janeiro com a vinda da Corte em 1808, transformando os modos de viver em sociedade e estabelecendo o imperativo da “boa sociedade” e da aristocratização dos costumes e valores.

Esse conjunto de regras de sociabilidade e conduta permeou o cotidiano das relações interpessoais nesse período e aparece refletido nos documentos produzidos no âmbito pessoal e familiar. Daí a importância desses manuais de civilidade.

A civilização dos modos⁴ e os protocolos de tratamento norteiam a forma de apresentação que o produtor encontra nesse período para transmitir a informação. Cartas, convites, santinhos e outras espécies documentais são permeadas por um conjunto de normas específicas que, sem o conhecimento destes códigos sociais, passarão despercebidas ao olhar do arquivista, impossibilitando o estudo mais atento dos documentos de arquivo.

Constatamos a importância desses protocolos nos documentos privados no século XIX, a partir de um estudo atento dos contextos que envolveram a produção documental do nosso universo empírico. E o conhecimento dos contextos é que tornou possível a instrumentalização do projeto por meio do uso dos códigos sociais, permitindo assim a compreensão de protocolos e estruturas presentes na produção documental do período.

OS CÓDIGOS SOCIAIS NA VIDA PRIVADA

Seja nos primeiros passos da vida de um indivíduo, quando a família recebia as cartas de felicitações de nascimento⁵. Seja nos envolvimento amorosos que, após os períodos de cortejo e noivado, chegavam à celebração do casamento que possuía uma série de protocolos que iam desde o convite⁶, que deveria ser emitido com quatro semanas de antecedência, em papel branco puro e de boa qualidade, devendo utilizar a formulação “*tem a honra de convidar-lo*” para casamentos na igreja e a formulação “*tem o prazer*” para celebrações realizadas em casa, até a carta de justificativa de ausência⁷ em que se enviam as felicitações e se justifica o não comparecimento.

A presença dos protocolos sociais integra múltiplos aspectos da vida privada, desde a comunicação cotidiana nas cartas trocadas entre amigos e familiares, até os *santinhos de boas festas*⁸. Recorrente símbolo de afetuosidade das relações da intimidade, esse tipo documental presente nos arquivos pessoais faz parte de um rotineiro protocolo de sociabilidade, em que são recordados sentimentos de agradecimento e de amizade. Além disso, é considerado como momento oportuno para comunicar-se com aqueles que não fazem parte da cotidiana correspondência. (Roquette, 1997, p. 298)

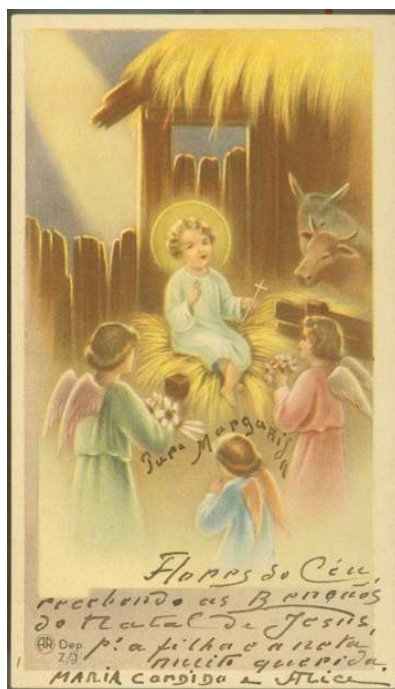
⁴ Expressão utilizada por Nöbert Elias em *O processo civilizador*.

⁵ Tipologia documental identificada no campo empírico do projeto “Análise tipológica dos documentos em arquivos pessoais: uma representação do código social” finalizado em 2012.

⁶ *Idem*.

⁷ *Idem*.

⁸ Tipologia documental identificada no campo empírico do projeto em desenvolvimento “Tipologia documental na família Barbosa de Oliveira”.



Santinho de boas festas (CFBO DDA 1 anexo)
(Fundação Casa de Rui Barbosa)

Nesse período do século XIX, a vida religiosa se entrelaça à sociabilidade, pois caracteriza um espaço de convívio dos indivíduos, de relações de amizade, familiares e de compadrio. Os ritos religiosos marcam as fases do desenvolvimento dos indivíduos na sociedade, a primeira comunhão é um destes ritos que assinala o desenvolvimento da criança e também estabelece um protocolo social. Um tipo documental, os *santinhos de primeira comunhão*⁹ entregues a aqueles que participaram deste momento representam a lembrança deste evento.



⁹

Idem.

Santinho de primeira comunhão (CFBO SFIB 11) (CFBO SFIB 11-1)
(Fundação Casa de Rui Barbosa)

Seja no nascimento, no amor ou até mesmo nos períodos de dor causados pelo luto, em que a família enlutada adotava uma tarja preta nas cartas de agradecimento de pêsames¹⁰, os manuais de civilidade determinavam os protocolos de conduta da vida privada, deixando marcas e padrões que são encontrados nos arquivos pessoais e familiares.

Segundo Oliveira, estes códigos sociais são seguidos por essas personalidades e famílias que tem seus arquivos recolhidos nas instituições. A documentação presente nestes conjuntos está repleta de sinais sutis que causam um estranhamento ao arquivista, ao deparar-se com padrões que hoje não pertencem às nossas práticas sociais.

As tarjas pretas do luto que ornaram as correspondências podem ser um primeiro sinal de estranhamento questionado pelo arquivista, e o conhecimento dos códigos sociais da época revelarão que esses tipos documentais seguem um protocolo e devem ser enviados após a missa de sétimo dia e antes de um mês da data de falecimento, e a palavra morte não pode ser mencionada na carta.

Jacques Leenhardt, em um estudo sobre a sensibilidade humana como fundadora da sociabilidade, analisa:

Concebida, primeiramente, como qualidade pura da pessoa, a de um caráter feliz, a sociabilidade vai tornar-se a condição de existência da própria sociedade de corte. É ela quem garante este “comércio encantador e fácil” das pessoas que chamamos *conversação*. Ela organiza as relações entre as pessoas sob a lei da cortesia. A sensibilidade de cada um é posta a serviço da socialidade coloquial, isto é, é oferecida como qualidade sociável e não como singularidade individual. (Leenhardt, 2010, p. 28)

Assim, a sociabilidade e a civilidade fundem-se na noção de socialidade, e a normatização das regras de comportamento, na qual a singularidade individual se submete a protocolos de civilidade como forma de padronizar o modo de ser em sociedade, é apresentada por meio dos códigos sociais e manuais de civilidade.

O conhecimento dos códigos sociais permite-nos preencher lacunas no remontar do contexto da gênese documental e também nos oferecem a compreensão de que, por mais que os arquivos pessoais não sigam uma padronização na sua produção da mesma forma que os arquivos institucionais, ainda assim, é possível, por meio de uma instrumentalização do estudo dos contextos arquivísticos, encontrar evidências de padrões nesses conjuntos documentais.

O estudo do comportamento social, das convenções e dos protocolos subsidia a identificação do tipo documental no tocante à sua forma, estrutura e conteúdo, assim como indica os elementos que constituirão sua conceituação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da conhecida dificuldade dos estudos direcionados aos arquivos pessoais, é possível encontrar, através do estudo do contexto da gênese documental, subsídios que ofereçam ao

¹⁰ Tipologia documental identificada no campo empírico do projeto “Análise tipológica dos documentos em arquivos pessoais: uma representação do código social” finalizado em 2012.

arquivista a instrumentalização necessária para a identificação do tipo documental, assim como a compreensão dos elementos que constituirão sua conceituação.

Esse estudo dos contextos documentais permite por meio da alteridade a compreensão dos arquivos pessoais para além das lacunas do tempo, possibilitando ao arquivista através de um olhar mais aguçado identificar características específicas, como, por exemplo, as condutas, códigos e sinais que permeiam a gênese documental e deixam marcas nos conjuntos documentais que só podem ser conhecidas mediante a instrumentalização oferecida pelos códigos sociais.

REFERÊNCIAS

- BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2002.
- _____. *Diplomática e tipologia documental em arquivos*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.
- D'AVILLA, Carmen. *Boas Maneiras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1942.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- GRUZINSKI, Serge. *Por uma história das sensibilidades*. In: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique (Org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2007.
- HOLT, Emily. *Encyclopaedia of etiquette a book of manners for everyday use: illustrated revised and enlarged edition*. New York: Doubleday, Page & Company, 1920.
- LEENHARDT, Jacques. Sensibilidade e Sociabilidade. In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosângela (Org.). *Olhares sobre a história*. São Paulo: Hiucitec, 2010.
- OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. “Análise tipológica dos documentos em arquivos pessoais: uma representação do código social.” Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2010/FCRB/Selecao de Bolsistas 2010 Analise tipologica dos documentos.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2010/FCRB/Selecao%20de%20Bolsistas%2010/Analise%20tipologica%20dos%20documentos.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2015.
- _____. “Tipologia documental na família Barbosa de Oliveira.” Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/Bolsistas13/aa%20 %20Tipologia%20na%20Familia%20Barbosa%20de%20Oliveira.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/Bolsistas13/aa%20%20Tipologia%20na%20Familia%20Barbosa%20de%20Oliveira.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2015.
- _____. *Descrição e Pesquisa: Reflexões em torno dos Arquivos Pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.
- PESAVENTO, Sandra J. Pensar com o sentimento, sentir com a mente – bienal de Veneza, 2007: 52º Exposição de Arte. In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosângela (Org.). *Olhares sobre a história*. São Paulo: Hiucitec, 2010.
- _____. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. In: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique (Org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2007.
- ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. SCHWARCZ, Lilian Moritz (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- THOMASSEM, Theo. Uma primeira introdução à Arquivologia. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 5-16, jan.-jun. 2006.

RESUMO: O presente artigo propõe algumas reflexões do projeto *A tipologia documental na família Barbosa de Oliveira*, evidenciando a necessidade de uma instrumentalização para remontar os contextos de outro tempo. Para atingir este objetivo, destacamos a importância dos contextos em que ocorre a produção documental. A análise atenta desse momento permite e auxilia a produção de uma instrumentalização eficaz para o estudo tipológico em arquivos pessoais, pois possibilita um olhar mais específico sobre o documento e suas relações na produção do arquivo. Seguimos a orientação que considera a tipologia documental como método de abordagem dos arquivos, objetivando contribuir para a descrição arquivística e, por consequência, ampliar a utilização dos arquivos no desenvolvimento de pesquisas. **PALAVRAS-CHAVE:** Arquivos pessoais. Códigos sociais. Contexto.

RESUMEN: Este artículo propone algunas reflexiones el proyecto *A tipologia documental na família Barbosa de Oliveira* destacando la necesidad de instrumentación para volver a montar el contexto de otro tiempo. Para lograr este objetivo, se destaca la importancia de los contextos en que ocurre la producción documental. Un análisis cuidadoso de este tiempo lo permite y ayuda a la producción de una instrumentación

efectiva para el estudio de los tipos documentales de archivos personales, ya que permite una mirada más específica en el documento y sus relaciones en la producción de archivos. Nosotros seguimos la guía que considera el tipo de documento como el método de archivos de enfoque, con el objetivo de contribuir a la descripción archivística y, en consecuencia, aumentar el uso de los archivos en el desarrollo de la investigación.

PALABRAS-CLAVE: *Archivos personales. Códigos sociales. Contexto.*